

Nota sobre os 20 anos da Associação Brasileira de História das Religiões

A note on the 20 years of the Brazilian Association for the History of Religions

*Leila Marrach Basto de Albuquerque**

Resumo

Este texto recupera a trajetória da Associação Brasileira de História das Religiões com destaque para os temas dos seus simpósios, procurando identificar nestes tanto as faces da religiosidade brasileira como o estado da arte dos estudos das religiões no Brasil.

Palavras-chave: ABHR. Religião. História.

Abstract

This text retraces the trajectory of the Brazilian Association for the History of Religions, with emphasis on the themes of its symposia, aiming to identify in the latter not only the faces of Brazilian religiosity but also the state-of-the-art of Religious Studies in Brazil.

Keywords: ABHR. Religion. History.

* A autora é a favor do ensino laico, público e gratuito. É, também, doutora em Sociologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora aposentada da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Trabalhadora voluntária do Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. E-mail: leilamarrach@uol.com.br

Introdução

Este texto tem por objetivo atender ao chamado da Revista Plura dirigido especialmente aos membros da ABHR na celebração dos seus 20 anos. Como explica: “esse dossiê nasce, assim, como um desejo de memória. Não apenas como autoelogio, mas como forma, inclusive, de olhar para o passado pensando nos desafios da hora presente e de tudo que ainda temos a enfrentar nos anos que virão” (Silveira; Ferreira, 2020). Voltada para o estudo das religiões, esta entidade reúne estudiosos de praticamente todos os estados brasileiros.

Dirijo-me, então, aos colegas da ABHR como que num diálogo que espera recuperar e valorizar o entusiasmo e o esforço coletivo que construiu e mantém ativa a nossa associação. Assim, ao longo deste texto vou, por um lado, me apoiar na memória para trazer alguns aspectos que considero próprios da sua história e, por outro, com base nos temas dos seus simpósios, espero caracterizar as principais inquietações que inspiraram os eventos da ABHR. Certamente o resultado será uma imagem muito particular da minha participação nesses 20 anos da sua história.

1. A história da ABHR

A Associação Brasileira de História das Religiões é fruto do esforço de professores do Departamento de História da UNESP, do campus de Assis, Ivan Esperança Rocha, Sidinei Galli, Eduardo Basto de Albuquerque, Milton Carlos Costa, Benedito Miguel Gil e Célia Carvalho de Ferreira Penço quando, em 1999, realizaram o I Simpósio de História das Religiões. Eu estava lá!

A criação desta entidade respondia a anseios de professores e estudantes por um espaço acadêmico voltado para estudos e debates sobre o fenômeno religioso e as religiosidades. Neste primeiro evento, estiveram presentes professores, pesquisadores e estudantes de diversas partes do estado de São Paulo bem como de outros estados brasileiros, animados por levar avante e consolidar a ABHR. E foi o que fizemos juntos, vivendo diferentes circunstâncias da história do país e da dinâmica das religiosidades no Brasil.

Além disso, o momento era propício. Contra os prognósticos dos sociólogos, sempre dramáticos, de que a religião desapareceria com os processos de secularização, desde a metade do século XX as manifestações religiosas veem se diversificando e mostrando novas faces e arranjos no seio da modernidade. Aliás, a religião

é um fenômeno que não se cansa de se transformar. Ela está aí, forte, firme e até reinventada, confirmando a clássica explicação de Peter Berger (1971, p. 41-42): “el cosmo sagrado emerge del caos y sigue enfrentándose com este como su terrible contrario”.

Impossível falar da ABHR sem retomar, nem que seja de modo esquemático, o comportamento das religiões nos últimos tempos. Assim, ao longo do século XX vimos crescer os pentecostalismos, assistimos ao esvaziamento das religiões tradicionais, testemunhamos a jornada para o oriente, presenciamos a valorização de religiões de preservação do patrimônio étnico-cultural e nos defrontamos com uma inusitada mistura (sincretismo, hibridismo, oportunismo?) de ciência e religião, seja na forma de terapias, seja na aposta de um novo paradigma redentor. Mas não podemos nos esquecer, também, dos abusivos usos políticos da religião... Acompanhando esta dinâmica, ganha espaço no debate acadêmico a pertinência ou não de conceitos como desencantamento, reencantamento e secularização. Além disso, o cenário pós-colonial interpela conceitos consagrados e insere as expressões religiosas em uma nova perspectiva, desafiando pesquisadores a avaliá-las em outras bases teóricas. Tudo isso veio desaguar no século XXI de modo acentuado e vigoroso.

Enfim, este cenário alimentou nossos simpósios a partir dos diferentes modelos teóricos das ciências humanas, compondo um *corpus* da produção de conhecimento brasileira sobre religião.

Como objeto de estudo a religião tem suas peculiaridades que se revelam na prática científica. Arrisco a dizer que o estudo científico da religião carrega um duplo paradoxo. Por um lado, o método científico, no seu formalismo, nos treina para o exercício das rupturas epistemológicas que nos despersonalizam e nos desanimizam, como requisito para o exercício da objetividade, da universalidade e da neutralidade possíveis. Por outro, a experiência da pesquisa tem sua dimensão subjetiva, pois exige que se mobilizem sensibilidades preciosas como curiosidade, criatividade, respeito, confiança, honestidade e, sobretudo, humildade. Jerome Ravetz (1979, p. 75), físico e filósofo da ciência, diz que

sem um reconhecimento do caráter artesanal do conhecimento científico não há possibilidade de resolver o paradoxo da diferença radical entre a atividade subjetiva, intensamente pessoal da ciência criativa, e o conhecimento objetivo e impessoal que resulta disto.

Ou seja, a pesquisa, enquanto experiência, é paradoxal!

E no caso do nosso objeto de estudo, a religião, por ser um fenômeno ligado a uma experiência muito íntima e profunda, a nossa e a do nativo – experiência que, algumas vezes, não sabemos bem de onde vem e para onde pode nos levar – é preciso lidar com ela com cuidados, com delicadeza, com respeito, enfim. E aqui temos mais um paradoxo: a religião pode ser alienante, opícea, mas também pode ser inspiradora, transformadora e dar acesso à transcendência. Em outras palavras: ao ser apropriada ou domesticada pelas instituições, esta rica experiência assume feições políticas, econômicas e sociais que se distanciam da manifestação direta do sagrado vivida pelo adepto, como êxtase, transe, meditações, recolhimento nas orações, louvações, penitências e outras expressões de comportamentos religiosos. Nesse sentido, e parafraseando Carl Wright Mills (1969), penso que estudar religiões é procurar entender como as teodiceias conferem sentido ao cenário histórico mais amplo e, ao mesmo tempo, atribuem significado para a vida íntima dos indivíduos.¹

E são os frutos desta complexa experiência que nós, da ABHR, levamos para as mesas redondas, conferências, grupos de trabalho, painéis, comunicações, minicursos, oficinas e debates dos Simpósios da ABHR.

Assim, com o objetivo de congregar estudiosos do fenômeno religioso, a ABHR realizou, nesses 20 anos, simpósios em universidades de diferentes regiões brasileiras, acolheu e foi entusiasticamente acolhida por historiadores, sociólogos, antropólogos, teólogos, cientistas das religiões e demais pesquisadores do campo das humanas, com objetos de estudo originais e relevantes, cuidando sempre de evitar proselitismos de qualquer natureza. Professores, pesquisadores, orientadores, estudantes de graduação e de pós-graduação encontraram, na ABHR, um ambiente fecundo e crítico para a discussão das religiões e das religiosidades.

Graças aos esforços das suas diretorias e associados, ao longo do tempo a ABHR publicou coletâneas de artigos em parceria com a Editora Paulinas (Apêndice 3), editoras universitárias e acadêmicas (Apêndice 4) a partir da seleção dos trabalhos apresentados nos seus simpósios. Em 2001 filiou-se à *International Association of History of Religion* (IAHR) e seus representantes estiveram presentes em dois dos nossos simpósios. A política científica de valorização de publicação de artigos em periódicos levou à criação, em 2010, da *Plura: Revista de Estudos de*

Religião. Esta revista se configura em mais um espaço para apresentação dos resultados dos estudos sobre religião e também tem sido responsável pelos Anais dos simpósios. A consolidação da ABHR como um importante e legítimo fórum de debates sobre os estudos de religião no Brasil estimulou a criação de associações regionais, e em 2013 ocorreu o primeiro simpósio regional/internacional na Universidade de São Paulo (USP).

Acompanhando os tempos midiáticos, a nossa associação está conectada ao mundo virtual. Em 2018 ocorreu, pela primeira vez, a concessão dos prêmios para Teses, Dissertações e TCCs que, na ocasião, homenageou os professores Pierre Sanchis, Sérgio Ferretti e Maria Lúcia Montes. Enfim, e não menos importante, os eventos da ABHR têm sido uma oportunidade para expressarmos nossos compromissos políticos através de cartas e moções em defesa de minorias e contra as ameaças à democracia brasileira.

Além disso, a consolidação dos cursos de pós-graduação e depois de graduação em Ciências da Religião e sua expansão em universidades públicas e privadas, em vários estados brasileiros, agregou um novo e diferente contingente de pesquisadores que vieram engrossar as fileiras de participantes dos simpósios da ABHR.

Evidentemente, a sigla ABHR conquistou um capital acadêmico significativo ao longo dos seus 20 anos como um importante fórum de debates sobre o tema da religião, deu oportunidade, abriu espaços, acolheu e favoreceu uma rica troca de experiências entre mais de uma geração de pesquisadores das religiões. Cada uma dessas conquistas é, sem dúvida, fruto do empenho das diferentes diretorias em resposta às demandas do cenário acadêmico, nacional e global. Evidentemente, cada presidente da ABHR deu o seu matiz às gestões da nossa associação e aos simpósios que promoveu.

2. A ABHR na história

A ABHR dispõe um material formidável sobre a religiosidade brasileira. O seu acervo reunido nos Anais, nos livros e na *Revista Plura* é uma fonte preciosa para os estudos sobre religião, sobre o que chama a atenção dos estudiosos, sobre as abordagens teórico-metodológicas e, também, sobre os temas invisíveis no Brasil.

Com o intuito de traçar um panorama das principais questões e inquietações dos estudiosos da religião no Brasil, vou retomar os temas que inspiraram os simpósios nacionais (Apêndice 1) realizados pela ABHR, pois creio que cada um deles e também o seu conjunto mostram tanto as faces da religiosidade brasileira como o estado da arte dos estudos das religiões no Brasil.

O simpósio inaugural da ABHR, em 1999, se deu sob o tema “Historiografia sobre História das Religiões”, focalizando os alicerces científicos da História através de suas bases historiográficas voltadas para a religião. Trata-se, certamente, de indicar os fundamentos teórico-metodológicos deste campo de conhecimento já consagrado, que poderão orientar os estudos e trabalhos que se iniciavam na ABHR. Nada mais adequado para uma entidade que se constituía neste evento.

Sob o tema “História, Gênero e Religião: violências e direitos humanos”, em 2000, a ABHR resgata a histórica função normatizadora das religiões nas suas definições dos papéis sexuais e convida para o debate das questões que já há muito desafiavam a sociedade contemporânea e que envolvem a noção de gênero, os direitos humanos e sua relação com as religiões.

Em 2001, com a filiação na IAHR e a participação de alguns de seus representantes internacionais, a proposta “Insurgências e ressurgências no campo religioso” procura dar conta da ebulição que vem ocorrendo no cenário religioso nacional e global diante da emergência de novas expressões religiosas, do protagonismo de outras e da perda de influência de algumas como fonte de orientação de vida para os seus seguidores. Trata-se de abordar um inesperado vigor do campo religioso contra prognósticos do seu enfraquecimento.

No ano seguinte, sob o tema abrangente “O estudo das religiões: desafios contemporâneos”, a ABHR volta a pensar o campo de estudo das religiões nas suas questões teóricas e epistemológicas, tendo como horizonte a nova configuração do sagrado que as sociedades contemporâneas apresentam.

“Religião e Globalização: O Desafio da Violência”, em 2003, chama para a reflexão de dois aspectos da realidade social que, de modos diferentes, trazem consequências para as religiões: o mercado de bens religiosos globalizado e a justificativa religiosa para atos de violência.

Em 2004 a ABHR volta a abordar o edifício cognitivo do seu objeto de estudo com o tema “História das Religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos”, como que em um balanço dessa área do saber diante das questões que as religiões apresentam.

“O sagrado e o urbano: desafios contemporâneos de análise”, em 2005, volta-se para um dos aspectos centrais das sociedades modernas, a urbanização, e como os rearranjos societários e a nova escala de valores baseada na secularização são recebidos e negociados pelas religiões. A especificidade deste contexto pede modos de análise próprios.

Em 2006 o simpósio tratou de “Religião, raça e identidade” e foi realizado junto com o “Colóquio Centenário da Morte de Nina Rodrigues”. Evidentemente, o tema inspira-se em uma questão crucial da sociedade brasileira, o preconceito racial e como este se volta para religiões que expressam identidades culturais de minorias historicamente subjugadas. A homenagem ao pioneiro do estudo das raças no Brasil resgata sua influência frente aos estudos científicos atuais.

O tema “Religiões e Religiosidades: entre a tradição e a modernidade”, proposto em 2007, volta-se novamente para a histórica relação de forças entre a tradição religiosa e a modernidade, diante dos inevitáveis processos de desencantamento e de secularização das sociedades contemporâneas.

O tema de 2008, “Migrações e imigrações das religiões”, resgata um fenômeno que é próprio do século XX, os processos migratórios que provocaram o grande deslocamento de populações de países da Europa e da Ásia em direção às Américas, mas também as nossas migrações internas. A estes, somem-se, no século XXI, as levas de refugiados de países da África, Oriente Médio e América Latina. Em todos esses casos, migram também suas culturas religiosas.

A ABHR propõe “Sociabilidades religiosas: mito, ritos e identidades” como tema para o simpósio de 2009, trazendo para o debate um aspecto inerente às religiosidades, as suas dimensões associativas e identitárias favorecidas pelo compartilhamento dos mitos e pela participação nos rituais.

A problemática metodológica central das ciências humanas, a saber, a fragilidade do sujeito diante seu objeto de estudo, está presente no simpósio de 2011 sob o tema “Experiências e interpretações do sagrado: interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos”. Em outras palavras, trata-se de lidar com as estruturas

de relevância cognitiva da ciência e da religião, desafios presentes no ensino e na pesquisa das religiosidades.

Em 2012, a proposta “Religião, Carisma e Poder: as formas da vida religiosa no Brasil” apresenta a oportunidade para se inventariar como o sagrado se expressa e é vivido pelos brasileiros, considerando também as variáveis carisma e poder, aspectos presentes nos processos de irrupção e de institucionalização das manifestações religiosas.

“Chico Xavier, mística e espiritualidade nas religiões brasileiras” é o tema do simpósio de 2015 que, através da justa homenagem ao nosso médium maior, propõe identificar as manifestações próprias da mística e da espiritualidade que caracterizam as nossas expressões religiosas, lembrando a importância da vertente espírita nas experiências dos brasileiros.

Em 2016, em evento também internacional, a ABHR se volta para as questões urgentes das sociedades contemporâneas e não só a brasileira, através do tema “História, gênero e religião: violências e direitos humanos”. É a oportunidade para a ABHR avaliar a historicidade dos papéis da religião na definição dos gêneros, os desrespeitos às liberdades individuais e os movimentos sociais em defesa dos direitos humanos.

Com o tema “Política, Religião e Diversidades: educação e espaço público”, em 2018, a ABHR realiza mais um simpósio com a participação de representantes da IAHR quando vai discutir outra questão importante das sociedades contemporâneas e da brasileira: a diversidade de identidades. Um aspecto destes tempos de globalização, envolve a maioria das instituições responsáveis por transmitir valores, como as religiões e a educação, mas também as políticas voltadas para a sua implementação, ou não.

Além dos simpósios nacionais, com o processo de regionalização da nossa entidade, a ABHR passou a realizar simpósios regionais (Apêndice 2), interiorizando ainda mais sua atuação. Foram três simpósios em 2013, dois em 2015, um em 2016, dois em 2017 e quatro em 2019, que têm especificidades próprias e que merecem, oportunamente, uma análise dos seus temas.

O que esta sequência de temas pode nos dizer sobre a ABHR, as religiões no Brasil e os seus estudiosos? Evidentemente, é preciso organizar esses dados a

partir de alguns critérios. Optei por procurar as regularidades que os temas possam apresentar e aglutiná-los em algumas categorias.

Considero que o eixo de qualquer ciência – humana, exata ou biológica – se apoia no par objeto de estudo e arsenal teórico-metodológico próprios. Sem essas variáveis não há ciência. Porém, no caso das ciências humanas, seu objeto tem peculiaridades (ou obstáculos epistemológicos, como dizem alguns filósofos da ciência mais exigentes). Seu objeto é inexato, pois que é histórico. O que remete a que o pesquisador considere esse aspecto como parte constitutiva do seu estudo. Além disso, o olhar para a historicidade da religião pode ser também a partir de problemas sociais a ela associados. E mais, a constituição e o desenvolvimento de uma ciência produzem alguns temas que se tornam clássicos e são mais ou menos independentes das mudanças estruturais ou conjunturais da realidade.

Nesse sentido, a apreciação do conjunto dos temas dos simpósios me mostrou que posso aglutiná-los nas seguintes categorias: arsenal teórico metodológico da História; dinâmica do objeto de estudo; problemas sociais; questões clássicas do campo. Mas, ressalto, esta é uma abordagem primeira de uma fonte de dados muito rica e que merece outras e mais aprofundadas análises, bem como pode ser entendida a partir de outros critérios.

1. Arsenal teórico-metodológico: os eventos de 1999, 2002, 2004 e 2011 procuraram tratar dos recursos da historiografia para o estudo das religiões, seu enfrentamento de novos objetos e os avanços do seu edifício científico. Além disso, abordam também os saberes acadêmicos e religiosos que desafiam os papéis do sujeito da pesquisa e as possibilidades de uma investigação isenta de valores.

2. Dinâmica do objeto: os eventos de 2001, 2008, 2012 e 2015 deram destaque às grandes transformações inerentes ao campo religioso e como estas se apresentam no contexto das religiões brasileiras. São contempladas, também, as expressões do sagrado no Brasil e suas figuras mais importantes.

3. Problemas sociais: os eventos de 2000, 2003, 2006, 2016 e 2018 enfatizaram sobretudo a questão da violência, muito presente na sociedade contemporânea, que se manifesta nas expressões de racismo e nas definições de gênero existentes nas religiões. Trataram também do papel da educação como recurso para promoção dos direitos humanos.

4. Questões clássicas do campo: eventos de 2007, 2005 e 2009 abordaram temas recorrentes nos estudos da religião, como a oposição entre tradição e modernidade e os processos de urbanização e suas consequências para as instituições e experiências religiosas que se materializam em sociabilidades próprias.

Palavras finais

Este inventário dos temas que inspiraram os simpósios da ABHR nestes 20 anos mostra a dinâmica da nossa Associação, mas, sobretudo, indica alguns dos caminhos através dos quais os estudos das religiosidades se fazem no Brasil. A imbricação da religião com todas as instituições sociais a torna um fenômeno complexo e dinâmico que foi amplamente contemplado nos diferentes simpósios. Além disso, compromissos acadêmicos e pesquisas rigorosas caminharam, nos simpósios, ao lado do empenho pelo fortalecimento dos direitos humanos diante de infortúnios que atingem grupos sociais específicos. Em outras palavras, a história da ABHR é também o modo como a ABHR expressa a história das religiões e do Brasil.

Mas existem mais fontes: os livros, os grupos de trabalho, as comunicações orais, os painéis e as mesas redondas ampliam este *corpus* e mostram a resposta de cada um e de todos os pesquisadores às chamadas para os simpósios da ABHR.

Inegavelmente, é uma bela história resultante dos esforços de três gerações de professores, pesquisadores e estudantes que, juntos, alimentam aquilo que Peter Berger e Hansfried Kellner (1981, p. 50) chamam de “comunidade de investigadores [...] vivos e mortos, que estão ‘presentes’ na consciência como uma espécie de ‘outro generalizado científico’”.

Vida longa à ABHR!

Referências bibliográficas

BERGER, Peter; KELLNER, Hansfried. *Sociology reinterpreted: an essay on method and vocation*. Garden City/New York: Anchor Press/Doubleday, 1981.

BERGER, Peter. *El dossel sagrado*. Buenos Aires: Amorrortu, 1971.

MILLS, Carl Wright. A promessa. In: *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

RAVETZ, Jerome. *Scientific knowledge and its social problems*. New York: Oxford University Press, 1979.

SILVEIRA, Diego Omar; FERREIRA, Ismael Vasconcelos (org.). Dossiê 20 Anos da Associação Brasileira de História das Religiões. In: *Plura: Revista de Estudos de Religião*, v. 10 n. 1 (2019). Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/issue/current>. Acesso em 02 de março de 2020.

Apêndices

Apêndice 1: Simpósios Nacionais e Internacionais da ABHR²

- 1999. I Simpósio Nacional: Historiografia sobre História das Religiões (UNESP, Assis, SP)
- 2000. II Simpósio Nacional: História, Gênero e Religião: violências e direitos humanos (UFOP, Mariana, MG)
- 2001. III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional: Insurgências e ressurgências no campo religioso (UFRPE, Recife, PE - afiliação à IAHR)
- 2002. IV Simpósio Nacional: O estudo das religiões: desafios contemporâneos (PUC-SP, São Paulo, SP)
- 2003. V Simpósio Nacional: Religião e Globalização: O Desafio da Violência (UFJF, Juiz de Fora, MG).
- 2004. VI Simpósio Nacional: História das Religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos (UNESP, Franca, SP)
- 2005. VII Simpósio Nacional: O sagrado e o urbano: desafios contemporâneos de análise (PUC-Minas, Belo Horizonte, MG)
- 2006. VIII Simpósio Nacional: Religião, raça e identidade (UFMA, São Luís, MA)
- 2007. IX Simpósio Nacional: Religiões e Religiosidades: entre a tradição e a modernidade (UFV, Viçosa, MG)
- 2008. X Simpósio Nacional: Migrações e imigrações das religiões (UNESP, Assis, SP)
- 2009. XI Simpósio Nacional: Sociabilidades religiosas: mito, ritos e identidades (UFG, Goiânia, GO)
- 2011. XII Simpósio Nacional: Experiências e interpretações do sagrado: interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos (UFJF, Juiz de Fora, MG)
- 2012. XIII Simpósio Nacional: Religião, Carisma e Poder: as formas da vida religiosa no Brasil (UFMA, São Luís, MA)
- 2015. XIV Simpósio Nacional: Chico Xavier, mística e espiritualidade nas religiões brasileiras (UFJF, Juiz de Fora, MG)
- 2016. XV Simpósio Nacional e II Simpósio Internacional: História, gênero e religião: violências e direitos humanos (UFSC, Florianópolis, SC)

2018. XVI Simpósio Nacional e III Simpósio Internacional: Política, Religião e Diversidades: educação e espaço público (UFSC, Florianópolis, SC)

Apêndice 2: Simpósios Regionais e Internacionais da ABHR

2013. I Simpósio Regional Sudeste e Simpósio Internacional da ABHR: Diversidades e (In) Tolerâncias Religiosas (USP, São Paulo, SP)

2013. I Simpósio Regional Nordeste da ABHR: Religião, a herança das crenças e as diversidades de crer (UFMG, Campina Grande, PB).

2013. I Simpósio Regional Sul da ABHR: Cartografias do sagrado e do profano: religião, espaço e fronteira (Faculdades EST, São Leopoldo, RS)

2015. II Simpósio Regional Nordeste da ABHR: Gênero e religião: diversidades e (in)tolerâncias nas mídias (UFPE, Recife, PE)

2015. II Simpósio Sudeste da ABHR: Gênero e religião: violência, fundamentalismos e política (PUC-SP, São Paulo, SP)

2016. II Simpósio Regional Sul, XV Nacional e II Internacional da ABHR: História, Gênero e religião: violências e direitos humanos (UFSC, Florianópolis, SC)

2017. III Simpósio Regional Sul da ABHR: Educação, Religião e Respeito às Diversidades (UFSC, Florianópolis, SC)

2017. I Simpósio Regional Norte da ABHR: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades (UEA, Parintins, AM)

2019. III Simpósio Regional Nordeste da ABHR: Religião, Direitos Humanos e Laicidade: Resistências, Diversidades e Sensibilidades (UFPB, João Pessoa, PB)

2019. III Simpósio Regional Sudeste da ABHR: Laicidade e Pluralismo: Educação, Religiosidade e Direitos Humanos (UERJ, Rio de Janeiro, RJ)

2019. II Simpósio Regional Norte da ABHR: Religiões e Religiosidades na Amazônia: dinâmica e resistências (UFOPA, Santarém, PA)

2019. I Simpósio Regional Centro-Oeste da ABHR: O céu, o inferno e além: o pós-morte na História das Religiões (UEG, Cidade de Goiás, GO).

Apêndice 3: Livros da Coleção Estudos da ABHR, publicada pelas Paulinas³

V. 1. O estudo das religiões: desafios contemporâneos. Org. Silas Guerriero. São Paulo: Paulinas, 2003.

V. 2. Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens. Org. Paulo Siepierski e Benedito M. Gil. São Paulo: Paulinas, 2003.

- V. 3. Religião e Violência em tempos de globalização. Org. Mabel Salgado Pereira e Lyndon de Araújo Santos. São Paulo: Paulinas, 2004.
- V. 4. História das Religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos. Org. Ivan Ap. Manoel e Nainora M. B. de Freitas. São Paulo: Paulinas, 2006.
- V. 5. O sagrado e o Urbano: diversidades, manifestações e análise. Org. Paulo Agostinho Nogueira Baptista, Mauro Passos e Wellington Teodoro da Silva. São Paulo: Paulinas, 2008.
- V. 6. Religião, raça e identidade: Colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues. Org. Adroaldo J. S. Almeida, Lyndon de Araújo Santos e Sérgio F. Ferretti. São Paulo: Paulinas, 2009.
- V. 7. Religiões e religiosidades: entre a tradição e a modernidade. Org. Angelo Adriano Faria de Assis e Mabel Salgado Pereira. São Paulo: Paulinas, 2010.
- V. 8. Sociabilidades religiosas: mitos, ritos e identidades. Org. Eduardo Gusmão de Quadros e Maria da Conceição Silva. São Paulo: Paulinas, 2011.
- V. 9. Experiências e interpretações do Sagrado: interfaces entre os saberes acadêmicos e religiosos. Org. Arnaldo Érico Huff Júnior e Elisa Rodrigues. São Paulo: Paulinas, 2012.
- V.10. Religião, carisma e poder e religiosidades: as formas da vida religiosa no Brasil. Org. Gamaliel da S. Carreiro, Lyndon de Araújo Santos, Sérgio F. Ferretti e Thiago L. dos Santos São Paulo: Paulinas, 2015.

Apêndice 4: Outros livros derivados de eventos da ABHR

Religiões e Religiosidades em (com)textos: conferências e mesas do Simpósio Sudeste da ABHR/ Simpósio Internacional da ABHR: diversidades e (in)tolerâncias religiosas. Org. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

Religiões e Religiosidades em (com)textos 2: conferências e mesas do Simpósio Sudeste da ABHR/ Simpósio Internacional da ABHR: diversidades e (in)tolerâncias religiosas. Org. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

(Re)conhecendo o Sagrado: reflexões teórico-metodológicas dos estudos de Religiões e Religiosidades. Org. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

Cartografias do sagrado e do profano: religião, espaço e fronteira. Org. Oneide Bobbin, Valério Guilherme Schaper e Iuri Andréas Reblin. São Leopoldo: EST, 2014.

História, gênero e religião: Violências e Direitos Humanos (Vol. 1) – 2º Simpósio Internacional da ABHR/ XV Simpósio Nacional da ABHR/ II Simpósio Sul da ABHR. Org. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho. Florianópolis: ABHR/ Fogo Editorial 2018.

História, gênero e religião: Violências e Direitos Humanos (Vol. 2) – 2º Simpósio Internacional da ABHR/ XV Simpósio Nacional da ABHR/II Simpósio Sul da ABHR. Org. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho. Florianópolis: ABHR/ Fogo Editorial 2018.

Política, religião e diversidades: Educação e espaço público – 3º Simpósio Internacional da ABHR / XVI Simpósio Nacional da ABHR. Org. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho. Florianópolis: ABHR/ Fogo Editorial 2018.

Gênero e religião: Diversidades e (in)tolerâncias nas mídias (Vol. 1) – 2º Simpósio Nordeste da ABHR. Org. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho e Karla Regina Macena Pereira Patriota Bronsztein. João Pessoa: ABHR/ Fogo Editorial 2019.

Gênero e religião: Diversidades e (in)tolerâncias nas mídias (Vol. 2) – 2º Simpósio Nordeste da ABHR (2019 Baixe aqui gratuitamente. Org. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho e Karla Regina Macena Pereira Patriota Bronsztein. João Pessoa: ABHR/ Fogo Editorial 2019.

Gênero e religião: Violência, fundamentalismos e política (Vol. 1) – 2º Simpósio Sudeste da ABHR. Org. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho e Clarissa De Franco. João Pessoa: ABHR/ Fogo Editorial 2019.

Religião, Direitos Humanos e laicidade: Resistência, diversidades e sensibilidades – 3º Simpósio Nordeste da ABHR, 2019). Org. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho. João Pessoa: ABHR/ Fogo Editorial 2019.

Religiões, fronteiras e identidades na Amazônia. Org. Diego Omar da Silveira, Clarice Bianchezzi, Marcos Vinícius Freitas Reis e Adriano Magalhães Tenório. Manaus: UEA Editora, 2020.

Religiões e lutas contra-hegemônicas na Amazônia. Org. Diego Omar da Silveira, Clarice Bianchezzi, Marcos Vinícius Freitas Reis e Adriano Magalhães Tenório. Manaus: UEA Editora, 2020.

¹ “A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos” (p. 11)

² Estes dados foram obtidos através da consulta aos Anais e aos Cadernos de Programa dos simpósios e nos sites da ABHR.

³ Os dados foram obtidos a partir da consulta aos livros impressos pelas Paulinas.

Recebido em 31/03/2020, aceito para publicação em 08/04/2020.